

Festa ou devoção? Heranças imateriais da congada em diferentes regiões do Brasil

Aluna: Carolina Carteli da Silva

Orientadora: Roseli Boschilia

Palavras-chave: Congada, manifestação cultural, patrimônio imaterial.

O presente trabalho analisa a manifestação cultural conhecida como Congada, uma comemoração recriada em várias regiões do território nacional que conjuga os espaços do sagrado e do profano, associando festa e devoção. Esta manifestação foi analisada, no período do século XX, por diversos pesquisadores, entre eles os denominados folcloristas, mas foi a partir da segunda metade desse século, com o crescimento das discussões a respeito do patrimônio cultural imaterial, que as pesquisas no campo das ciências sociais começaram a produzir um estudo mais significativo sobre este tema.

A nova historiografia passou a analisar as transformações e privilegiar o papel social e cultural do negro, na construção da sociedade brasileira. E partindo do estudo da contribuição negra para a construção da cultura nacional, a Congada passou a ser um instrumento para se conhecer comportamentos e significados dessa cultura, com o objetivo de não apenas questionar datas, como ocorria anteriormente ou de simplesmente saber quem participava dessas manifestações, mas de problematizar historicamente comportamentos, rituais, e relações de sociabilidade ligadas a esses diferentes grupos.

Nessa direção, o recorte do objeto escolhido para a análise privilegia a Congada em três diferentes regiões do Brasil; Lapa - PR no Sul do país, Catalão-GO Centro Oeste e Serra do Salitre - MG Sudeste.

No primeiro momento a intenção era analisar a Congada em apenas uma região brasileira. Mas, após as leituras bibliográficas sobre o tema percebeu-se que esta manifestação, devido às transformações sociais e culturais esteve sujeita a constantes modificações ou manutenções de suas tradições no decorrer dos anos, passando por um processo de apropriações, similaridades, diferenças e rupturas nas diversas regiões do Brasil. Isto pode ser percebido no enfoque dado a partir desta multiplicidade de

apropriações culturais presentes na Congada, sendo possível perceber processos de permanência e de mudança. Neste sentido, a análise desta manifestação cultural em distintas regiões do país possibilita investigar historicamente as diferentes formas de apropriação que a Congada teve e continua tendo no interior da sociedade brasileira.

Se anteriormente o tema da Congada era tratado apenas por antropólogos e folcloristas, a partir do ano 1990, essa manifestação passou a ser analisada também por historiadores. Um dos primeiros trabalhos nesta direção foi realizado por Marina de Mello e Souza. Preocupada não só com a dificuldade de conceituação, mas também na tentativa de traçar os processos históricos, a partir dos quais as festas de coroação do rei congo se constituíram, privilegiando a perspectiva do encontro de culturas diferentes que, em dado contexto de dominação social, produziu manifestações culturais mestiças, a autora aprofundou o conhecimento da história e da cultura da África Centro-Occidental, - Congo e Angola - dos séculos XVI ao XIX, preenchendo assim, uma lacuna nos estudos culturais afro-brasileiras, no que diz respeito às contribuições do mundo banto. Para esta autora, a Congada é em cada ano de sua comemoração um mito fundador de uma comunidade católica negra, na qual a África ancestral é invocada em sua versão cristianizada, elaborado a partir de heranças africanas, e também de apropriação do universo simbólico dos senhores.¹

A perspectiva de se escrever uma história vista de baixo, resgatando as experiências passadas é muito atraente, mas como diz Jim Sharpe², envolve muitas dificuldades, a primeira gira em torno das evidências ou documentação. No caso da Congada, tida como manifestação cultural relacionada aos negros cativos, as referências documentais devem ser buscadas na transmissão oral que possibilita recuperar a ancestralidade que norteia suas organizações, assim como a herança do universo simbólico e cultural das sociedades africanas. Na definição do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, a congada é uma criação popular, coletivizada, persistente, tradicional e reproduzida através dos sistemas comunitários de transmissão do saber.³

¹ SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002. p.20.

² SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In.: BURKE, Peter (org). **A escrita da História: Novas perspectivas**. Ed. Unesp: São Paulo, 1992. p. 42.

³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense, 7ª edição, 1986. p.56.

No Brasil, originada no âmbito das irmandades, as festas assumem formas européias de organização para manifestar valores culturais próprios permeados de valores africanos. Realizada anualmente, a manifestação cultural Congada tem por objetivo principal louvar seus santos protetores, os “santos dos pretos”, como São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora do Rosário.

Os diversos elementos que compõe a Congada são ricos em significados e representam a singularidade de cada grupo. A corte assim como a família real ou reino do Congo é comum em todas as manifestações, o rei, que possui em sua maioria um nome de origem africana, a rainha, príncipes e princesas, são considerados tradição entre os congadeiros possuindo permanência vitalícia. A corte é o grupo de pessoas mais próximo da família real, compondo-se de fidalgos, secretários, cacique, general e capitão, e as crianças que participam da manifestação cultural são sempre chamadas de conguinhos.

O cortejo é o momento que define o início da celebração nas ruas, sempre após a missa realizada dentro da igreja em homenagem ao santo específico, este momento é marcado pelo encontro da corte e dos ternos nas ruas ou praça onde será realizada a homenagem ao santo padroeiro, este também é o momento de entoarem cantos, danças e a encenação. Os *ternos* são os “brincadores” ou soldados, músicos oficiais da festa, os instrumentos utilizados por eles são em sua maioria, tambores, caixa, reco-reco, violão, cavaquinho e pandeiro. O capitão, acompanhado de um bastão e um apito é o responsável por guiar os ternos, marcando assim o ritmo da música. Cada terno pode possuir dez, vinte ou até mesmo trinta pessoas, o que distingue um grupo de terno do outro são as vestimentas, a maneira de se portar no momento do cortejo e o gingado da música, cada qual possui um capitão e um nome, mas todos prestam obediência à família real, que segue sempre a frente do cortejo. A vestimenta da família real é a mais luxuosa, o rei e a rainha possuem coroas e manto, é comum que o rei possua um cetro e a rainha muitas jóias. Mas todos os participantes saem vestidos a caráter para a Congada, as cores escolhidas para as roupas são sempre chamativas e cada traje define nos detalhes o papel dos devotos, por isto é tão importante para os congadeiros estar bem vestido para o grande dia.

A partir deste embasamento, procurei refletir sobre o tema da Congada, com o intuito de investigar como essa manifestação foi apropriada por diferentes grupos que tradicionalmente mantém essa prática cultural.

Para tanto, me utilizei de fontes bibliográficas, produzidas por autores que refletiram sobre a Congada, a partir da reconstrução da memória e da utilização da metodologia da história oral. Paralelamente fiz uso da documentação referente à legislação do patrimônio cultural imaterial brasileiro, que vem num processo recente, se esforçando para abranger a diversidade cultural do Brasil.

Através de leituras realizadas sobre a legislação do patrimônio imaterial do Brasil, em sua maioria produzidas pelo IPHAN, percebi que o desenvolvimento das reflexões sobre essa questão levou a uma espécie de refinamento do conceito de patrimônio, e a Constituição de 1988 explicita que o patrimônio cultural brasileiro é constituído de bens materiais e imateriais. Desde então há uma intensa mobilização para a formulação de instrumentos e meios de implementar políticas eficazes para a área. Essa mobilização culmina em 2000, com a criação do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial e com a instituição do instrumento Registro a ser feito em quatro livros do IPHAN: Celebração, Saberes, Lugares e Formas de Expressão. Autores como Márcia Sant'Anna, Pedro Paulo Funari, Maria Cecília Londres Fonseca, entre outros, foram de vital importância para compreender um tema recente nas políticas brasileira e em constante discussão e pesquisa para a área do historiador.

A partir dessas leituras, foi possível selecionar as obras específicas sobre as Congadas da Lapa/PR, Catalão/GO e Serra do Salitre/MG. Autores como o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, que pesquisou sobre a Congada de Catalão/GO, o pesquisador José Loureiro Fernandes e a historiadora Claudia Bibas do Nascimento que analisaram a Congada da Lapa/PR e a antropóloga Patricia Trindade Maranhão Costa, foram de vital importância para esta pesquisa.

Para refletir sobre as variações existentes em torno da manifestação da Congada, busquei auxílio na história cultural, principalmente em Roger Chartier, que defende que as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam.⁴ Neste sentido, podemos, interpretar a Congada como prática social, transmitida de forma indireta e construída a partir de apropriações que obedecem aos interesses dos grupos para os quais essa manifestação tem valor simbólico.

A partir destes referenciais teórico-metodológicos, realizei a análise das fontes, estruturando o trabalho em três capítulos.

⁴ CHARTIER, Roger. História cultural. **Entre prática e representação**. Lisboa: Difel, 1990, p. 17.

O primeiro capítulo teve como objetivo traçar um panorama sobre os estudos relacionados ao avanço das discussões em torno do conceito de patrimônio imaterial, que se constitui a partir da pluralidade cultural envolvida neste processo. Esta afirmação nos leva a pensar na constituição do patrimônio a partir de um conjunto de formas de cultura tradicional. Tais formas, chamadas de “obras coletivas” emanam de uma cultura e se fundamentam nas tradições transmitidas oralmente, tornando-se coletivas no “vivido e pensado” do povo. Neste sentido foi desenvolvida uma discussão a respeito da formação do conceito de patrimônio imaterial num contexto nacional e mundial, como também sua relação com o folclore.

O segundo capítulo propõe a investigação da trajetória da manifestação cultural Congada através de análise dos autores selecionados que estudam o tema, assim como a importância das irmandades no período colonial para sua formação e difusão.

Neste mesmo capítulo também foi analisado a história da formação da Congada em cada região, assim como o mito de origem proferido pelas irmandades e pelos devotos, a relação da sociedade em geral com estas manifestações culturais, como também o papel da irmandade no momento da “grande festa”.

O terceiro capítulo contempla as discussões recentes referente às políticas públicas do patrimônio imaterial do Brasil e sua relação com a manifestação cultural Congada. Ainda no mesmo capítulo discutimos as diferenças e semelhanças que a Congada foi adquirindo no decorrer dos séculos, com apropriações próprias de cada região, não podendo ser simplificada como uma manifestação homogênea. O capítulo três também discute o declínio que estas manifestações culturais, de uma maneira geral passaram no decorrer do século XX. O sentimento de perda em relação a uma manifestação cultural tão importante na história do Brasil e a crescente investida de políticas públicas e privadas para achar soluções sustentáveis para que as mesmas permaneçam ativas em suas determinadas regiões.

Por fim, vale destacar que através da análise destas obras foi possível perceber as diferenças entre as manifestações culturais, como a data que é realizada, que apesar de serem comemorações para o mesmo santo seus dias são diferentes nas determinadas regiões, a teatralização no momento de devoção e os personagens que possuem diferentes sentidos, é o caso do *Cacique*, parte da corte da Congada da Lapa - PR ou o *Bordão* em Serra do Salitre - MG, o responsável por guardar o mastro tão importante para marcar o início e o fim das comemorações na cidade.

Enfim, a composição desse trabalho evidenciou que a congada não é uma manifestação homogênea e que suas constituições e apropriações foram transmitidas e aceitas por todos que participam deste momento tão especial para cada localidade. Neste sentido, políticas do patrimônio têm contribuído para maior visibilidade e preservação do patrimônio, longe de considerá-las como algo homogêneo preservando-as dentro da sua diversidade. Sendo assim, parte desta manifestação cultural festa e devoção, uma manifestação plural que diz muito a respeito da cultura forjada pelo negro escravo no Brasil colonial e que, portanto, merece ser preservada e difundida respeitando sua heterogeneidade e riqueza cultural.